

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Mariane Schwalb Rios

“E SE ELES FOSSEM NEGROS?”

Porto Alegre
1. Semestre
2015

Mariane Schwalb Rios

“E SE ELES FOSSEM NEGROS?”:

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora:

Prof. Dr. Gladis Elise Pereira da Silva
Kaercher

Porto Alegre
1. Semestre
2015

Dedico este trabalho a todas as crianças afrodescendentes, ao meu companheiro Guilherme e, em especial, a minha filha Luísa, que é fruto dessa magnífica miscigenação do nosso Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus filhos Guilherme e Luísa que são minha inspiração, minha motivação diária para seguir em frente e alcançar os meus objetivos. À paciência e compreensão do Gui, nas vezes em que tive de abrir mão de ajudá-lo nas tarefas da escola para fazer meus trabalhos da faculdade. A minha pequena Lulu, por entender, desde os cinco meses de idade, que precisava ir às 7h da manhã para a escolinha, pois a mamãe precisava estudar.

Agradeço aos meus pais, Sônia e Gilberto, que SEMPRE estiveram ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis. Eles acreditaram em mim, apostaram na minha educação, me mostraram o caminho inúmeras vezes, doaram-se e, na verdade, ainda se doam de corpo e alma para mim e meus filhos.

À minha mãe, agradeço, ainda, pelo exemplo de mulher batalhadora, de independência, de compromisso, de dedicação como mãe e avó.

Ao meu pai, agradeço, também, pelas inúmeras conversas, por seu ombro amigo, por sempre ter uma palavra acolhedora, por me ensinar a sempre dar o melhor de mim.

À minha avó, Maria da Conceição, por sempre ter priorizado e auxiliado na educação de seus netos, pois acreditava que a educação era o caminho para seguir na vida.

Agradeço aos meus amigos e ao meu companheiro por entenderem a minha ausência em muitos momentos. Devo a eles os momentos de descontração e confraternização que foram tão necessários ao longo dessa jornada. Em especial, agradeço à minha comadre Fernanda, que, sempre que possível, me auxiliou cuidando da Luísa para que eu conseguisse dar conta das tarefas.

Agradeço às minhas colegas da faculdade, por dividirem comigo angústias, aflições, choros, risadas, lanches, cafés e muita alegria em todas as manhãs.

Agradeço à minha orientadora Gládis, por aceitar me orientar na escrita deste trabalho, mesmo com a vida atribulada que leva e tendo compreensão com meus curtos horários disponíveis para a escrita e para os encontros de orientação.

Enfim, agradeço a todos que, ao longo desses 4 anos e meio, participaram de alguma maneira desse processo de formação. Só tenho a agradecer. Muito obrigada.

*A educação é a arma mais poderosa que
você pode usar para mudar o mundo.*

Nelson Mandela

RESUMO

O Brasil é um país composto por uma diversidade cultural fantástica, porém, nem todos têm acesso a essas culturas. Parto do ponto de vista que, principalmente a educação infantil, não tem o conhecimento dessa diversidade, visto que a própria lei que obriga o ensino das culturas afro e indígena é aplicada exclusivamente ao Ensino Fundamental e Ensino Médio. Desse modo, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar se as práticas esporádicas de temática racial surtem algum efeito em crianças. Para tanto, me aproprio de autores como Gládis Kaercher, Maria Isabel Dalla Zen (2012), Antônio Sérgio Guimarães e Eliane Cavaleiro. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e realizada em um pequeno grupo, de modo a produzir os dados para posteriormente realizar a análise. Sendo assim, foram selecionados seis alunos de uma turma de Jardim A, de uma escola de Educação Infantil da rede de Porto Alegre. As análises apontam que são necessárias práticas pedagógicas propositivas constantes, sejam elas em ambiente escolar ou não, para que seja possível desconstruir o conceito de racismo que impera sobre a sociedade e, conseqüentemente, sobre nossas crianças. Para tanto, é necessário que sejam utilizados artefatos culturais constantemente e não apenas em datas comemorativas, também é necessário a formação e o interesse constante dos professores pelo tema da diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Identidade, Raça, Racismo, Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: APRESENTANDO O TRABALHO	9
1 COMO TUDO COMEÇOU	10
1.1 POR QUE DISCUTIR SOBRE RAÇA, RACISMO E AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS?	11
2 ESTABELECENDO PARCERIAS	14
2.1 A ESCOLA	15
2.2 A PROFESSORA	16
2.3 A TURMA	16
3 METODOLOGIA	17
3.1 PRÁTICAS ESCOLARES PROPOSITIVAS EM AÇÃO: MATERIAL UTILIZADO E OFICINAS	19
3.1.1 Livro “Cinderela”	19
3.1.2 Livro “Branca de Neve”	20
3.1.3 Livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”	21
3.1.4 Mãos à obra: as oficinas.....	22
4 E SE...	25
4.1 ELES FOSSEM NEGROS?.....	25
4.1.1 O que dizem as crianças sobre os personagens negros?.....	26
4.1.2 Como as crianças veem os personagens negros?.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPONDO UM NOVO CAMINHO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Porta da sala de aula – Porto Alegre/RS (registro de Rios 2015).....	11
Figura 2 – Livro “Cinderela” (Cristina Marques, 2012).....	19
Figura 3 – Livro “Branca de Neve” (Cristina Marques, 2012).....	20
Figura 4 – Livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes” (Rubem Filho, 2010).....	21
Figura 5 – Desenho das personagens Branca de Neve e Cinderela por Thor.....	28
Figura 6 – Desenho das personagens Branca de Neve e Cinderela por Cinderela.....	27
Figura 7 – Desenho das personagens Branca de Neve e Cinderela por Homem-Aranha.....	28
Figura 8 - Desenho do livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes” por Cinderela.....	31
Figura 9 – Desenho do livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes” por Ana.....	32
Figura 10 – Desenho do livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes” por Thor.....	33

INTRODUÇÃO: APRESENTANDO O TRABALHO

Este trabalho consiste em uma reflexão em torno das práticas pedagógicas antirracistas realizadas – ou não – com crianças de cinco a seis anos em uma escola de Educação Infantil. Tenho como objetivo investigar se realmente essas práticas, que são esporádicas, quando existentes, surtem algum efeito perante as representações feitas pelas crianças.

O interesse pela pesquisa sobre esse assunto não se originou durante os quatro anos de ensino superior. É algo que vem me acompanhando desde criança, quando eu, mesmo pequena, já me horrorizava com situações envolvendo adultos e até crianças preconceituosas, em especial, o preconceito com a raça negra.

O Brasil é um país conhecido por sua diversidade. Sua composição racial, cultural, de crenças, sotaques e cores variadas são amplamente difundidos. Desse modo, se somos um país tão diverso, como explicar o preconceito racial?

Sabemos que, tanto a cultura negra quanto a indígena, – se for – é pouco estudada nas escolas. Trabalhos relativos à cultura negra limitam-se ao mês de novembro, quando, no dia vinte e um, comemoramos o Dia da Consciência Negra; assim como trabalhos relativos à cultura indígena são vistos apenas na semana que precede o dia dezanove de abril – Dia do Índio – onde, ainda, em pleno século XXI, vemos crianças com penas na cabeça cantando a “música do índio” da Xuxa.

Ao entrar nas escolas, não vemos sequer enfeites de porta de sala de aula, de banheiros ou cartazes pendurados representando pessoas de outra raça. Nas bibliotecas, ainda predominam livros com personagens principais brancos. Nos filmes, os personagens negros continuam fazendo papel de empregados, de pobres, de serviçais, nas revistas, nas propagandas de televisão ou, até mesmo, nos desenhos animados vistos pelas crianças. Todos esses artefatos são contribuintes no processo de construção da identidade das crianças.

Cavalleiro(1998) nos traz a ideia de que, na sociedade, predomina essa visão negativa e historicamente construída do negro, com uma abundância de estereótipos negativos e, em contrapartida, a positividade identitária do branco. Com isso, ao longo da vida escolar, é provável que tanto crianças quanto adolescentes internalizem essas representações, acreditando que esse modo é o correto.

1 COMO TUDO COMEÇOU

Nasci ao final da década de oitenta e vivi minha infância na década de noventa, época em que a Disney imperava com seus filmes de princesa como Cinderela, Branca de Neve e a Bela e a Fera (todas brancas), e a Barbie (também branca e com olhos azuis) era o sonho de consumo de dez em cada dez meninas, não dando espaço para nenhuma outra boneca no mercado. Cresci sem brincar com bonecos negros, sem ouvir histórias com personagens principais negros, sem ver a raça negra sendo contemplada junto às crianças, fossem elas brancas ou negras.

Durante a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, estudei em uma escola de classe alta na cidade de Porto Alegre, onde havia poucos mestiços e nenhum negro. O meu primeiro impasse com relação às questões raciais, e sobre como ela era e ainda é presente na sociedade, deu-se durante o intervalo da escola, enquanto eu comia a merenda, sentada em um banco, observando as crianças de outras turmas brincarem de pega-pega. Nesse grupo, que era predominantemente composto por crianças brancas, uma menina mestiça com cabelos crespos (aqueles crespos bem enroladinhos) pegou outra menina, que era branca. Foi então que começaram os gritos: “Me larga! Me solta! Não encosta em mim, sua preta!”.

A menina mestiça parou a chorar, não sei se por ter ficado chateada ou, até mesmo, assustada com o modo como a colega reagiu. Corri e chamei as monitoras que cuidavam do pátio para que acudissem a menina, que a essa altura estava aos prantos. A monitora a acalmou e as levou para o setor de disciplina. De lá para cá não sei o que aconteceu. O que tenho em minha memória é que fiquei horrorizada. Lembro-me, como se fosse hoje, de toda aquela cena – da tristeza daquela menina – e da vontade que eu tinha de dar-lhe um abraço.

O tempo passou. Troquei de escola. Dessa vez, passei a estudar em uma escola pública de Ensino Médio da rede estadual de ensino. Com essa alteração, imaginei que as questões raciais, e o preconceito “escondido” por trás de várias situações, não estivessem mais presentes. Contudo, não foi o que aconteceu. Durante o Ensino Médio, eu tive poucos colegas negros e os que lá estavam eram vistos como sem futuro, sem perspectiva, pagodeiros e “favelados”. Os professores não cansavam de entoar que eles não chegariam à universidade e que viveriam para serviços domésticos ou em mercados. Aliás, não me lembro sequer de ter professores negros.

No ano de 2010, ingressei na universidade, por acesso universal. Quando fiz minha inscrição para o vestibular, eu acreditava que o que me definia como branca era tão somente a cor da minha pele. Ao longo do curso de Pedagogia, percebi durante várias discussões em diversas disciplinas que não era a cor da minha pele que definiria a minha raça. Segundo Kaercher (2010), a pedagogia da racialização no Brasil permite que o conceito de branquidade e da negritude seja criado e diferenciado a partir “[...] dos modos como se é branco ou negro, parece operar no sentido de se constituir como um processo “natural”, demarcado por traços “indiscutíveis” e visíveis [...] a cor da pele, o cabelo e os traços fenotípicos[...]”.

Diante de todos esses acontecimentos, foram surgindo indagações perante os assuntos raça, etnia e racismo, e sobre como essas questões são trabalhadas na escola.

1.1POR QUE DISCUTIR SOBRE RAÇA, RACISMO E AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS?

Para iniciar esse subcapítulo, trago uma imagem sobre a qual podemos nos debruçar e discutir alguns aspectos:



Figura 1 – Fotografia da porta de entrada da sala de aula.

Poderíamos ao ver essa imagem, pensar que é apenas uma imagem de crianças com o intuito de identificar que ali há uma escola e uma turma de alunos. Mas a questão é: por que apenas crianças brancas para representar todo um grupo

de crianças da escola? Será que naquele grupo de crianças só existem crianças brancas? Será que só essas crianças precisam ser mostradas e representadas?

Ao observar as imagens, podemos refletir sobre a real aplicação da cultura antirracista, ou da falta dela nas práticas escolares, tendo em vista que todos os bonecos que representam as crianças são brancos. Kaercher (2010, p. 29) nos traz o conceito de racialização como:

[...] um conjunto de discursos e práticas que imprimem aos corpos, através de sentidos presentes em diferentes práticas culturais, marcas que fundem, no Brasil, os conceitos de raça e cor, para promover, através desta fusão, a hierarquização de diferenças e implementação das desigualdades.

Pensamos então que, mesmo involuntariamente, a escola pratica a racialização ou a deixa ser praticada. Na medida em que são mostradas apenas figuras e imagens de crianças brancas, as crianças que não tem aquele tom de pele, ou que não se veem daquela forma, podem se sentir inferiorizadas.

Para discutir o conceito de raça e racismo, me aproprio do texto de Antônio Sérgio A. Guimarães (1999), que nos diz que a notoriedade do conceito de raça, vista pelo viés biológico, iniciou-se no século XIX, tendo como base características físicas e intelectuais. Após alguns anos, acreditou-se que essa diferenciação não deveria mais ser atribuída à genética, mas sim à diversidade ambiental e cultural que permeiam a sociedade.

De acordo com estudos sociológicos, existem duas vertentes com relação a esse conceito. A primeira acredita que o termo raça é extremamente ideológico, podendo ser substituído por etnia. Já a outra vertente acredita que o fato de não utilizar o conceito de raça acaba por silenciar as práticas discriminatórias.

Guimarães (1999) ainda nos diz que o racismo no Brasil é visto como um tabu. Erroneamente o povo brasileiro acredita que, pelo fato de as leis serem iguais para todos, não existe o preconceito e o racismo. Sim, as leis são iguais, mas a maneira como são conduzidas, principalmente para as diferentes raças não é a mesma.

Em meu trabalho, busco aproximar esses conceitos da escola; pois acredito que, embora a mídia massacre as crianças, mostrando a exuberância das pessoas brancas, a família e a sociedade também acabam se tornando participantes ativas desse processo. E é nesse contexto que deve entrar a escola, já que ela

desempenha um papel fundamental para a constituição da identidade da criança e para sua socialização.

Desse modo, busquei leis, normas e resoluções que amparassem o ensino das diferentes culturas na escola, chegando, então a Resolução nº 5/2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação, no que diz respeito à proposta pedagógica e diversidade, conforme o excerto:

O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.

E também as leis 10.639/03 e 11.645/08, que alteram no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conforme o excerto:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileiras e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Como visto acima, a lei torna obrigatório o ensino das culturas afro e indígena apenas para escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, não assegurando o ensino nas escolas de Educação Infantil. Acredito que o fato de não ser obrigatório não exclui a necessidade desse aprendizado para as crianças, tendo em vista que sua identidade está em construção desde o momento em que ela chega ao mundo. Se dependermos da obrigatoriedade imposta por essa lei, será concedido à criança aprender sobre as variadas culturas apenas aos seis ou sete anos.

Em contrapartida temos a DCNEI que trata das condições para estabelecimentos de educação infantil, onde diz que as variadas culturas devem ser reconhecidas e valorizadas, e o racismo deve ser combatido.

Tomando como base essa lei, que vai de encontro as diretrizes do DCNEI, escolhi realizar minha pesquisa em uma escola de Educação Infantil, a fim de saber

as crianças lidam com as questões de raça, cor, racismo, branquidade e suas representações.

Como ponto de partida, faço a seguinte pergunta: **como práticas propositivas tendenciam as representações das crianças em uma turma de Jardim A?**

Para a pesquisa, de cunho qualitativo, escolhi uma turma dessa etapa de escolaridade, realizando a pesquisa em um pequeno grupo de alunos.

2 ESTABELECENDO PARCERIAS

Neste capítulo, discorro sobre os meus parceiros para realização deste trabalho. Início falando sobre a escola, depois sobre a professora e, por último, sobre a turma na qual realizei a pesquisa.

2.1 A ESCOLA

Ao contextualizar a escola e a turma na qual foi realizada a pesquisa, trago informações não apenas institucionais, mas também de ordem da pesquisa; pois, com um olhar atento, realizaram-se descobertas e visualizaram-se, além das palavras escritas em documentos, a essência e a subjetividade das crianças.

A pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de Porto Alegre, situada na zona sul, no bairro Vila Nova. Este é um bairro considerado de classe média baixa. Todos os alunos são oriundos do bairro da escola ou de bairros vizinhos, também de classe média baixa. Muitos, inclusive, residem em áreas invadidas (áreas verdes). A maior parte dos alunos da escola tem direito ao programa de políticas públicas “Bolsa Família” e permanece em turno integral na escola, muitos por doze horas. Os pais não são presentes na escola, embora seja uma escola de Educação Infantil.

A EMEI na qual realizei a pesquisa é uma escola de médio porte, com cento e oito alunos e cinco turmas, distribuídas da seguinte maneira:

- Berçário II – 18 alunos - Crianças entre 1 e 2 anos.
- Maternal I – 20 alunos – Crianças entre 2 e 3 anos.
- Maternal II – 20 alunos – Crianças entre 3 e 4 anos.
- Jardim A – 25 alunos – Crianças entre 4 e 5 anos.
- Jardim B – 25 alunos – Crianças entre 5 e 6 anos.

Trabalho nessa escola como monitora de Educação Infantil desde fevereiro de 2015, em período integral. Pela manhã, trabalho com a turma do Jardim A e, pela tarde, com o Berçário II.

2.2 A PROFESSORA

A professora titular trabalha na escola há 10 anos em dois turnos. No turno da manhã, é professora do Jardim A e, à tarde, do Berçário II. É docente há 20 anos, sendo que seus dois primeiros anos foram como docente na rede estadual de ensino e os 18 restantes na rede municipal. É formada em Magistério há 21 anos e graduada em Pedagogia pela UNIASSELVI há dois anos. Atualmente, cursa pós-graduação em Alfabetização e Letramento, também pela UNIASSELVI.

2.3 A TURMA

Conforme já dito anteriormente, a turma é composta por 25 alunos, sendo 9 meninos e 16 meninas.

A turma do Jardim A, para quem pontua a cor da pele e os traços do rosto como definição de raça e etnia, pode ser definida como miscigenada. Confesso que definir as raças e etnias das crianças é uma tarefa complicada, tendo em vista que a raça não pode ser definida somente pelo tom de pele ou pelo tipo de cabelo, como nos trazem Kaercher e Dalla Zen (2012, p.03)

[...] a identidade étnico-racial não se delimita apenas pela cor da pele, normalmente tomada como o traço identitário definidor da pertença racial no Brasil, mas por outros traços constituídos no transcórrer das narrativas.

A opção por realizar a pesquisa com essa turma foi simples: além de uma turma diversa, as crianças são participantes, ativas e falantes. Ao trabalhar com eles durante as manhãs, percebi que, na maioria dos seus desenhos e autorretratos, o “cor-de-pele” está sempre presente. Esse tipo de atitude é reproduzida, inclusive, por crianças negras.

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. (CAVALLEIRO, p. 25, 1998)

O excerto acima nos remete a uma triste realidade, onde pessoas brancas são bem representadas, com personagens elegantes, ricos, morando em belas casas, donos de belos carros, enquanto os personagens negros são representados com o papel de empregado assalariado, morador de favela, que acorda de manhã e corre para pegar o ônibus. Embora muitas crianças saibam que a sua realidade se aproxima, muitas vezes, com os papéis dos personagens negros, ao representar durante as brincadeiras ou em seus desenhos, acabam por representar personagens brancos.

3 METODOLOGIA

Este capítulo objetiva descrever o caminho metodológico utilizado durante o trabalho, e quais caminhos foram percorridos por ele.

Desse modo, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois analisa os dados subjetivos do tema que está em questão. Lüdke e André (1986, p. 11) atentam que a pesquisa de caráter qualitativo tem algumas características básicas, na qual destaco “ter o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (...)”.

Tendo em vista a necessidade de obter dados para posterior análise, foram selecionadas algumas crianças para formar um grupo de pesquisa, de modo que propiciasse a anotação de suas falas e seus procedimentos.

Para formar esse grupo, foram selecionadas seis crianças da turma de Jardim A. A opção por selecionar esse pequeno grupo de crianças teve como objetivo obter melhor aproveitamento da atividade, melhor organização do tempo e a possibilidade de aproveitar significativamente a contribuição dada por todos; tendo em vista que, posteriormente, será feita uma análise sobre seus desenhos e suas falas.

Para essa escolha, parti dos seguintes critérios:

- Igual número de meninos e meninas.
- Igual número de meninos e meninas negros(as).
- Igual número de meninos e menina brancos(as).
- Igual número de menino ou menina mestiços(as).

Saliento que, para realização dessa pesquisa, foi encaminhado às famílias um termo de consentimento informado (ver anexo), no qual estava explicado o trabalho a ser desenvolvido posteriormente com as crianças. Tal documento precisava ser assinado pelos responsáveis.

Ao conversar com a professora titular da turma, ela me orientou que enviasse o termo de consentimento para mais famílias, pois era de costume na turma, principalmente em dias frios e chuvosos, as crianças não comparecerem à escola. Compreendi sua argumentação e, então, providenciei oito termos, que foram todos enviados para casa e voltaram devidamente assinados pelas famílias.

3.1 PRÁTICAS ESCOLARES PROPOSITIVAS EM AÇÃO: MATERIAL UTILIZADO E OFICINAS

Dividi a pesquisa a ser realizada em duas oficinas, ambas com o objetivo de produzir dados para análise. Para tanto, na primeira oficina, pensei em confrontar as crianças com uma “nova realidade” de personagens já conhecidos por elas. Levei para as crianças dois livros: “Cinderela” e “Branca de Neve”. Na segunda oficina, o intuito era apresentar uma história recontada: “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”.

No primeiro dia de oficina, foram utilizados os livros “Cinderela” e “Branca de Neve”. No segundo dia, foi utilizado o livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”.

3.1.1 Livro “Cinderela”

O livro conta a história de Cinderela, uma moça simples que perdeu o pai e foi feita de escrava pela madrasta e por suas filhas. Um dia, ela foi ao baile, após a fada madrinha fazer um feitiço e arrumá-la para tal festa. No baile, Cinderela conheceu o príncipe, que se encantou por ela; mas, ao soarem as badaladas do relógio, saiu correndo e perdeu o sapatinho de cristal. A partir daí, o príncipe passou a procurar em todo o reino a dona do sapato, pois essa também seria a dona do seu coração. O sapatinho de cristal não cabe no pé de nenhuma moça do reino, apenas no de Cinderela. Ao final do livro, eles se casam e são felizes para sempre.



Figura 2 – Livro “Cinderela”
Cristina Marques (2012)

3.1.2 Livro “Branca de Neve”

Branca de Neve era uma princesa que morava com sua madrasta má e vaidosa. A Rainha tinha inveja de sua beleza e, todo dia, perguntava ao espelho mágico quem era a mulher mais bela do reino; até que um dia o espelho respondeu que a mais bela era a Branca de Neve. A Rainha ficou furiosa e mandou o caçador matar Branca de Neve, mas ele ficou com pena e apenas a levou para a floresta e lá a deixou. No meio da floresta, ela encontrou uma casinha bem pequena e lá entrou, foi então que conheceu os sete anões, e tornaram-se amigos. Quando a Rainha descobriu que ela estava viva, mandou a Bruxa levar uma maçã envenenada para matá-la. Branca de Neve comeu a maçã e entrou num sono profundo. Quando os anões chegaram, ficaram assustados e chamaram um príncipe que passava por ali, então ele a beijou e o encanto se desfez. Casaram e foram muito felizes.



Figura 3 – Livro “Branca de Neve”
Cristina Marques (2012)

3.1.3 Livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”

Em um lugar muito frio da África, vivia o Rei e sua família. O Rei era casado com uma mulher muito boa, que era viúva e tinha uma filha pequena. O Rei não gostava da Menina, que se chamava Pretinha, e não a deixava ser feliz. Um dia, Pretinha resolveu sair para passear e ver o que tinha em volta do castelo, levando os deliciosos doces que sua mãe fazia. De tanto caminhar, Pretinha sentiu-se cansada e resolveu parar para comer um doce. Foi então que ela avistou uma cabana grande, mas tão grande, que parecia que ela tinha tomado alguma poção mágica para encolher. Chegando na cabana, andou por tudo e foi até a cozinha, onde tinha um panelão com mingau, do qual ela comeu. Enquanto Pretinha comia, os Gigantes foram chegando e ela se escondeu debaixo da cama, assustada com o tamanho daqueles homens. Contudo, eles a acharam e pensaram que ela fosse uma boneca. Enquanto isso, no castelo, sua mãe estava desesperada, porque não achava Pretinha em lugar algum. Então, pediu para o Rei procurá-la. O Rei se disfarçou de mendigo e andou por toda floresta atrás da menina, até que a encontrou e pediu para ela voltar para casa. Pretinha viu que ele foi sincero e resolveu se despedir dos novos amigos e acompanhar o Rei. Seus amigos acharam que o Rei faria mal à ela, mas Pretinha explicou que aquilo não aconteceria. Então, os

Gigantes construíram um novo castelo para a família real e tornaram-se muito amigos de todos.

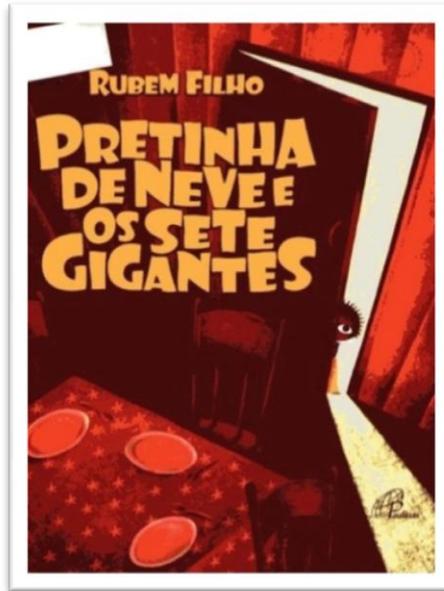


Figura 4 – Livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”
Rubem Filho (2010)

3.1.4 Mãos à obra: as oficinas

Antes de iniciar a primeira oficina, propus às crianças uma brincadeira, onde cada um escolheria um nome fictício para que eu colocasse no trabalho a ser realizado. Eles escolheram: Homem de Ferro, Elza, Ana, Cinderela, Homem-Aranha e Thor.

É importante dizer que os lápis utilizados para as produções gráficas durante as oficinas foram a caixa com 12 cores e caixa de giz de cera também com 12 cores. Utilizei essa caixa, pois é com esse material que eles estão acostumados a trabalhar. Poderia ter sido ofertado, por exemplo, a caixa de giz de cera da marca Koralle, que contém 12 diferentes tons de pele. Porém, a intenção era de que eles produzissem com o que estão habituados, com o material que faz parte do seu cotidiano, e não com algo que pudesse tendenciá-los.

As oficinas dividiram-se em 2 encontros:

	OBJETIVO	PROCEDIMENTO	RECURSOS
1º ENCONTRO	- Perceber através de desenhos e da fala, quais reações e percepções as crianças têm ao se deparar com personagens originalmente brancos, agora negros.	<ul style="list-style-type: none"> - Deixar em cima da mesa os dois livros: Branca de Neve e Cinderela, ambas em versão negra. - Incentivar o manuseio dos livros. - Conversar de maneira informal sobre as impressões das crianças sobre o livro. - Pedir que desenhem, utilizando caixa de lápis de cor comum, as personagens principais da história. 	<ul style="list-style-type: none"> - Livros: Cinderela e Branca de Neve; - Folha A3; - Caixa de Lápis de Cor (12 cores);

Quadro 1 – Descrição do primeiro encontro com o grupo

Ao organizar a primeira oficina, coloquei sobre uma mesa redonda os livros e fui até a sala de aula buscar os alunos já pré-selecionados. Expliquei a eles que sentariam todos no mesmo grupo e que manuseariam os livros. Logo após, faríamos a leitura das histórias e faríamos desenhos relativos às personagens do livro. Disse também que eu faria registro das suas falas, então seria importante que cada um respeitasse o momento em que o outro estivesse falando.

	OBJETIVO	PROCEDIMENTO	RECURSOS
2º ENCONTRO	- Perceber através de desenhos e da fala, quais reações e percepções as crianças têm ao se deparar com personagens originalmente brancos, agora negros.	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar a contação da história “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”. - Conversar de maneira informal sobre a história. - Pedir que desenhem, utilizando caixa de lápis de cor comum, as personagens principais da história. - Deixar que explorem o livro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro: Pretinha de Neve e os Sete Gigantes; - Folha A3; - Caixa de Lápis de Cor (12 cores);

Quadro 2 - Descrição do segundo encontro do grupo.

Ao organizar a segunda oficina, fui até a sala de aula buscar os alunos já pré-selecionados e, ao chegar com eles na biblioteca, expliquei que a atividade seria um pouco diferente da oficina anterior. Pedi que sentassem no mesmo grupo e que aguardassem a contação da história. Logo após, pedi que fizessem desenhos sobre

a história que eu acabara de ler. Novamente, pedi cautela nos comentários para que eu pudesse realizar o registro das suas falas, logo, seria importante que cada um respeitasse o momento em que o outro estivesse falando.

Tão logo foram feitas as oficinas, tratei de organizar os dados obtidos para análise. De modo a ficar mais claro e objetivo, dividi-o em duas etapas:

- Análise das falas
- Análise das produções gráficas

4 E SE...

Neste capítulo, pretendo analisar o trabalho realizado com as crianças a partir das falas e das produções gráficas que surgiram durante as oficinas.

Para que a análise fique mais clara, exponho no primeiro subcapítulo as caixas de texto com alguns fragmentos das falas e, posteriormente, analiso suas produções gráficas.

4.1 ELES FOSSEM NEGROS?

Durante a primeira oficina, quando o grupo adentrou a sala e os livros estavam em cima da mesa para que eles pudessem manuseá-los, já foi possível ver os diferentes olhares. Pedi então que sentassem à mesa para iniciar a atividade.

Deixei-os a vontade com os livros expostos na mesa, de maneira que eles pudessem dialogar sobre o material que estava à sua frente. Nesse momento, já foi possível perceber a expressão de surpresa e estranhamento das crianças.

A primeira pergunta que fiz foi se eles reconheciam as figuras presentes nas capas dos livros. Com uma expressão ainda confusa, eles me disseram que parecia ser a “Cinderela” e a “Branca de Neve”, mas que elas não eram “**daquela cor**”. Perguntei então de qual cor elas eram e a resposta foi “**cor-de-pele**”.

Embora a segunda oficina tenha sido feita de maneira diferente da primeira, iniciando pela contação da história, e não pela livre exploração do material, também ficou claro a invisibilidade do conceito de raça para as crianças. Elas se preocupavam mais com o gigante do que em representar os personagens como eles realmente são. Por inúmeras vezes, perguntaram quando o gigante apareceria ou se era muito grande, mas em momento nenhum perguntaram ou comentaram algo sobre a protagonista da história, “Pretinha de Neve”. Em suas produções gráficas sobre a história, fica evidente que a predileção foi pelo personagem do gigante.

4.1.1 O que dizem as crianças sobre os personagens negros?

Sobre “Branca de Neve e os Sete Anões”:

Aluna Elza (princesa do filme “Frozen”): “Profe, ela não tem o rosto marrom. Porque ela tá assim?” (apontando para o rosto e para os braços da boneca)

Aluno Homem de Ferro (herói do filme “Os Vingadores”): “Ela não tá bonita assim.” (apontando para o rosto da boneca no livro)

Aluno Homem Aranha (herói do filme “Homem Aranha”): “Ô Profe, ela tá diferente. No filme, ela não é assim, marrom.”

Sobre “Cinderela”:

Aluna Cinderela (filme “Cinderela”): “Profe, ela não é uma princesa. Só o vestido é igual. No filme, a Cinderela tem cabelo branco e é cor-de-pele.”

Aluna Ana (princesa do filme “Frozen”): “Nem ela nem a Branca de Neve são assim.”

Aluno Thor (filme “Os Vingadores”): “Ela tem a cor da Elza.”

Sobre “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”:

Aluna Ana: “Profe, que horas aparece o gigante?”

Aluno Thor: “Profe, por que Pretinha? Ela parece a Bárbara. Assim bem Pretinha com aquele cabelo assim espetado.”

Aluna Cinderela: “Profe, por que ela é de neve? É que nem a Branca de Neve? E o gigante, ele é bem grande, né?”

Os quadros acima representam algumas das falas dos alunos durante as duas oficinas. É perceptível, ao ler as falas acima que as crianças não vêem, e provavelmente não aceitem com normalidade, os personagens do livro. Acredito que essa aceitação se deve ao fato de as personagens não estarem representadas da maneira com a qual eles estão acostumados a ver em livros, filmes e revistas. Há notavelmente um estranhamento às personagens por elas serem negras, em especial, à Branca de Neve, pois tem um tom de pele mais escuro. Quanto ao livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”, para eles não foi tão chamativo ver a imagem da “Pretinha”, assim como foi com as duas primeiras personagens. Houve questionamentos acerca da cor da personagem, bem como sobre os gigantes; mas não na mesma intensidade da primeira oficina. Nas suas produções, pudemos perceber que, para alguns, a questão racial de Pretinha não passou despercebida, já para outros fica claro que o enfoque é o gigante.

Acredito que essa não aceitação se dá por não estarem ali representadas na cor branca, por fugirem ao padrão de “normalidade”. Dornelles (2010) nos diz que quando o corpo sai dos parâmetros tidos como “normais”, passa a não ser aceito pela sociedade. É o que vemos quando o aluno pergunta **“por que Pretinha?”**. Ao fazer esse questionamento, ele infere que a normalidade seria a personagem ser “branquinha”. Quando uma das crianças diz **“ela não tá bonita assim”**, refere-se à cor da boneca, sugerindo então que ela não é bela pelo fato de ser negra. Kaercher (2011, p. 93) atenta para o conceito de racismo e nos diz que é dele que parte “a ideia de que pessoas negras, ou com a pele mais escura, seriam, naturalmente, mais burras, menos confiáveis, teriam o cabelo mais feio ou ruim etc”. Então podemos entender que essa criança já apresenta o racismo em sua fala, mesmo que involuntariamente, pois diz que do modo como a personagem aparece não está bonita; logo, de outro modo, provavelmente se estivesse com o tom de pele na cor branca estaria.

Apple (*apud* SILVA, 1995, p. 65) nos traz que “Raça é uma categoria usualmente aplicada a pessoas ‘não brancas’. As pessoas brancas usualmente não são vistas nem nomeadas. Elas estão posicionadas no centro como a norma humana.” Trago esse trecho para analisar as falas dos alunos Elza, Homem-Aranha e Ana, em que fica claro o estranhamento de ambos pela cor da personagem. Podemos entender que esse estranhamento se dá por algo que foge aos padrões da instituída normalidade. Desse modo, vemos a visão engessada do branco como

personagem principal, estando sempre em posição privilegiada, não havendo espaço para outras etnias ocuparem o mesmo lugar.

Na fala da aluna Cinderela, fica enfatizada a questão do lugar que cada um ocupa. No momento em que ela afirma que “(...) **ela não é uma princesa. Só o vestido é igual. No filme a Cinderela tem cabelo branco e é cor-de-pele**”. Fica claro que a aluna tem para si uma definição do lugar de cada um, e que esse lugar é definido pela cor da pele e dos cabelos. De acordo com Dornelles (2012, p. 33), “as múltiplas subjetividades apresentadas por artefatos culturais, por meio de brinquedos, revistas infantis, filmes, vídeos etc., produzem efeitos na constituição do sujeito infantil.” Conforme salienta Dornelles, ao apropriar-me da fala dessa criança, percebo que ela está moldada nos padrões pré-estabelecidos pela sociedade; bem como acontece com o aluno Thor que diz “**Ela parece a Bárbara. Assim bem Pretinha com aquele cabelo assim espetado**”. Nesse caso, também fica nítida a subjetivação por trás da comparação feita pelo menino. Quando ele compara a personagem com a colega de aula, não parece em tom pejorativo, mas, ao apontar para o cabelo e dizer que ele é “assim espetado”, configura-se o preconceito acerca de um cabelo diferente do padronizado.

O aluno Thor nos traz em sua fala algo diferente, pois quando diz “**Ela tem a cor da Elza.**”, faz um comparativo entre as cores de pele das colegas de aula. Para quem conhece pessoalmente as crianças, percebe que Thor está correto em sua colocação, pois, sim, a Cinderela do livro e sua colega, aqui chamada de Elza, têm o mesmo tom de pele. Essa é a única fala na qual não percebi o tom de estranheza nem de não aceitação. Porém, ao perguntar sua cor, que visivelmente não é branca, Thor me respondeu dizendo que era branco, não sendo da mesma cor de Elza.

4.1.2 Como as crianças vêem os personagens negros?

As produções gráficas vão ao encontro das falas. Nelas também é possível perceber que a branquidade impera, mesmo que mascarada entre as crianças, que são frutos de práticas cotidianas racistas. Embora a cada dia que passa as discussões acerca do racismo aumentem e tenham uma dimensão cada vez maior, o que foi construído até então ainda supera essa desconstrução. Conforme Kaercher (2000, p. 94):

Qualquer ação pedagógica antirracista envolve a Cultura Infantil: o que a criança vê e como ela interpreta aquilo que vê só faz sentido dentro de um determinado repertório de significações possíveis, constituídas dentro de uma determinada cultura (familiar, escolar, religiosa, nacional, etária etc).

Com essa citação, podemos pensar os desenhos dos alunos representados a seguir são repletos de significados de uma cultura racista que os cerca, seja na escola, em casa ou em qualquer outro lugar. Vemos a seguir algumas das produções das crianças sobre Branca de Neve e os Sete Anões e Cinderela:



Figura 5 – Branca de Neve (à esquerda) e Cinderela (à direita) por Thor



Figura 6 – Branca de Neve (à direita) e Cinderela (à esquerda) por Cinderela



Figura 7 – Branca de Neve (à direita) e Cinderela (à esquerda) por Homem-Aranha.

Quando pedi às crianças que fizessem desenhos, utilizei a seguinte frase: “Pessoal, agora que já conversamos sobre os livros, vamos fazer um desenho sobre eles!”.

Ao observar os desenhos dessas três crianças, podemos ver que uma faz uma representação mais próxima ao real, a outra produção nos aproxima da realidade racista que ainda impera e a terceira nos mostra uma personagem de cor branca e outra marrom. A aluna Cinderela foi a primeira a me questionar como o desenho deveria ser feito, se era como estava ali ou como era nos livros **“normais”**. Questionei-a sobre o que era “ser normal”, e ela respondeu **“assim, dessa cor, de cor-de-pele”**.

Os ditos “normais” para ela seriam os livros e filmes que trazem à tona somente a realidade branca para as crianças, tomando-a como primordial, como inalcançável, com superior. O desenho dessa aluna, bem como sua fala sobre o desenho nos remete a subjetividade imposta pela sociedade contemporânea do padrão de beleza já pré-estabelecido, pois têm um “modo específico e particular de beleza.” (DORNELLES, 2012, p. 31). Beleza essa que só é possível se o personagem for branco, se estiver em posição de destaque, se for bem sucedido.

Já o aluno Thor nos traz outra visão, pois, para ele, Cinderela e Branca de Neve não são brancas. Mas ao ser questionado sobre sua raça, ele não sabe definir, dizendo apenas que sua cor não é branca. Em seu desenho, Thor nos traz Cinderela na cor marrom, ao mesmo tempo em que nos traz Branca de Neve em preto. Perguntei então a ele por que elas estavam desenhadas daquela maneira e com

aquelas cores. Ele respondeu que **“elas são assim, profe, de cor diferente. Uma marrom e a outra preta”**.

Mediante o desenho do aluno Homem-Aranha, percebemos que ele desenha e pinta Cinderela na cor rosa claro, por ele denominada cor-de-pele e Branca de Neve na cor marrom, pois segundo ele **“ela não é branca, é mais escurinha”**.

É importante salientar que dos seis desenhos, apenas dois contemplaram as duas personagens com cores diferentes do rosa claro, chamado por eles de cor-de-pele. Outro ponto que me chamou a atenção foi que todos, com exceção da aluna Cinderela, desenharam a Branca de Neve com o lápis preto ou marrom, porém, nem todos deram tonalidade à Cinderela. Esse modo de representação nos mostra que eles tomam a raça somente a partir do tom da pele.

Nas produções acerca do livro “Pretinha de Neve e os Sete Gigantes” temos desenhos variados, mas que evidenciam que, para eles, o ponto marcante da história não era Pretinha, mas sim os gigantes.



Figura 8 – Desenho do livro “Pretinha de Neve (último personagem à esquerda) e os Sete Gigantes” por Cinderela.



Figura 9 – Desenho do livro “Pretinha de Neve (último personagem à direita) e os Sete Gigantes” por Ana.



Figura 10 – Desenho do livro “Pretinha de Neve (último personagem à direita) e os Sete Gigantes” por Thor.

Como podemos ver nos desenhos acima, o enfoque é dado ao personagem do gigante, deixando de lado Pretinha, que é a personagem principal da história. Enquanto eu contava a história, eram recorrentes as perguntas sobre o gigante, sobre a hora em que ele apareceria e como ele era. Desse modo, a personagem passou a ocupar um lugar secundário e, desse modo, surgiram os desenhos que enfocam e trazem à tona personagens grandes e fortes. Kaercher e Dalla Zen (2012) atentam que, por vezes, a questão racial passa despercebida, pois fica ocultada por outros fatores que envolvem o personagem, seja para a masculinidade, maneira com a qual se portam ou como a classe a qual pertence. É o que

percebemos nas representações acerca da Pretinha de Neve, já que em apenas um dos desenhos ela foi representada com o lápis de cor preta. Nos outros, seus traços e sua identidade racial passaram despercebidas. Se pudéssemos analisar os desenhos sem saber qual é a história e do que ela trará, poderíamos nomeá-la de forma diferente, não encontrando simetria entre os desenhos e a história real.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPONDO UM NOVO CAMINHO

O racismo é constituído diariamente pela grande maioria da sociedade. Seja nas práticas escolares, ou não, ele ainda se mantém forte, e precisamos insistentemente combatê-lo.

Acredito que o presente trabalho alcançou os objetivos propostos na medida em que tornou visível a necessidade de práticas propositivas constantes nas salas de aula. Sabemos que o racismo não é oriundo apenas de ambientes escolares, mas talvez esse seja o ambiente mais propício para que possamos desmistificar e, por que não, extinguir a sua existência. Sendo assim “Podemos afirmar que raça e etnia são construções culturais que se instituem nos artefatos - como livros infantis - e que “formam” as identidades raciais dos sujeitos que interagem com tais artefatos.” (KAERCHER; DALLA ZEN, 2012).

Desse modo, entendo que o uso dos variados artefatos culturais é fundamental para que sejam construídas essas culturas, para que estejam presentes constantemente, pois é através delas que é possível modificar a maneira com a qual nossas crianças se constroem como sujeitos, como constroem sua identidade racial.

As práticas realizadas durante as duas oficinas surtiram efeitos nas representações gráficas das crianças, mas ainda percebemos que, muitas vezes, a questão da pertença étnico-racial está esquecida. Fato que ficou evidente nas representações da história da Pretinha de Neve e os Sete Gigantes, quando as crianças perguntavam constantemente quando o gigante apareceria e também pelo fato de, na hora do desenho, nem todas se lembrarem de representar Pretinha.

Durante certo momento da pesquisa foi possível perceber a invisibilidade de personagens negros. Invisibilidade decorrente da falta de preparação das escolas e dos professores, que não acreditam na necessidade do ensino das variadas culturas, principalmente durante a Educação Infantil.

Sabemos que, diariamente, a mídia traz, através de variados artefatos, a imagem dos personagens negros em papéis de desvantagem física, financeira, emocional; ao mesmo tempo em que salienta as qualidades dos brancos. Do mesmo modo ocorre em muitas famílias que fazem, em seu dia a dia, piadas de cunho racista. Tendo isso em vista, acredito que, para desconstruir esse paradigma, devemos estender a implementação da lei nº11.645 para as escolas de Educação Infantil; pois se a criança vê e interpreta o que faz sentido para ela dentro de

determinada cultura, mais do que nunca se faz necessário incluir novas abordagens de culturas variadas. Dessa forma, a criança vai se subjetivando e, ao invés de mais adiante ser necessário desconstruir o racismo, ela não o deixará ser construído.

“Também no silêncio, nas imagens mostradas ou escondidas, somos educados para sermos racistas: nas salas de aula não há livros com heróis ou princesas negras, não há *outdoors* mostrando negros em posições de destaque [...]” (KAERCHER, 2012, p.94). Essas práticas citadas por Kaercher nos reafirmam a necessidade da extensão das práticas propositivas não para estarem apenas no papel e serem praticadas em datas e comemorações festivas, mas sim em práticas diárias. Para isso, necessitamos: modificar os enfeites de sala de aula, tapetes de escola; no nome da criança, que está ali pendurado na chamada sempre com carinhas brancas para representar qualquer criança da turma, utilizar imagens verdadeiramente representativas das identidades ali presentes; variar a compra de livros que contemplem não apenas heróis e princesas brancas, mas também personagens de outras raças e etnias; dentre tantas outras práticas possíveis.

Saliento que para realização dessas práticas propositivas diárias, é necessário que a professora esteja ciente da necessidade da abordagem do tema, bem como esteja preparada para conduzir o assunto com as crianças. Para isso é necessário investir em formação de professores, com palestras, cursos e material didático para abordagem do tema. Pois é preciso que o professor esteja imerso naquele conteúdo e que tenha conhecimento de modo a trazê-lo para as crianças. Existem materiais como: A Cor da Cultura, produzido pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) ou o Material Didático para a Diversidade produzido dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esses dois materiais trazem artigos de professores sobre a diversidade, relatos de situações vivenciadas em sala de aula ou em ambiente não escolar, maneiras de como abordar o assunto e sugestões de atividades. É um material indicado para professores, tanto para processo formativo como lúdico.

A expansão da Lei nº 11.645 para educação infantil é necessária, mas não suficiente. Não adianta ter leis que digam o que devemos ensinar se não há como ensinar. O professor tem papel crucial no ensino das variadas culturas, sendo então necessário investir em palestras, cursos, formações, seminários, enfim, todas as formas de aprendizado que levem os docentes a trocar saberes e experiências

sobre como abordar a diversidade cultural nas salas de aula. Para isso é fundamental que haja interesse, tanto por parte do governo em ofertar essas formações, quanto por parte dos professores em adquirir o conhecimento em uma área até então pouco conhecida e trabalhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e dá outras providências. República Federativa do Brasil. Brasília. DF.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. República Federativa do Brasil. Brasília. DF.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

DALLA ZEN, Maria Isabel, LEITURAS DE CRIANÇAS SOBRE A DIFERENÇA ÉTNICO-RACIAL. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel et al. **A diferença na literatura Infantil**. São Paulo: Moderna, 2012. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT13-6091--Int.pdf>. Acesso em 15 junho de 2015.

DORNELLES, Leni Vieira. “TU NÃO PODES SER PRINCESA”: CORPOS, BRINQUEDOS E SUBJETIVIDADE. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto (org.) **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. A cor da cultura v. 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010, p. 31-36. Disponível em <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSDEBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em 22 maio de 2015.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. PEDAGOGIAS DA RACIALIZAÇÃO OU DOS MODOS COMO SE APRENDE A “TER” RAÇA E/OU COR. In: Bujes, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara (Org.) **Pedagogia sem fronteiras**. Canoas: Ulbra, 2010. Disponível em: http://blog.aai.ifrs.edu.br/arquivos/pedagogias_da_racializacao.pdf. Acesso em 30 maio de 2015.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

RAMOS, Tanise Müller, KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Educação para a diversidade na perspectiva etnicorracial: desafios para a construção de uma prática pedagógica antirracista na escola contemporânea. In: TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Curso de Aperfeiçoamento Produção de Material Didático para Diversidade. 2.** Ed. Porto Alegre: Triunfal Gráfica e Editora, 2013. P. 93 – 99.

VICTORIA, Cares Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA AS FAMÍLIAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:
Como práticas escolares propositivas tencionam as representações raciais
das crianças?

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo produzidas para fins de Trabalho de Conclusão de Curso. Trata de saber como as práticas pedagógicas propositivas tencionam as representações raciais feitas pelos alunos. Para tanto, serão coletadas suas falas e desenhos em dois encontros com o grupo de alunos Pré-selecionado. Os encontros serão realizados nos dias 5 de maio e 19 de maio, com duração de 30 minutos cada.

Seu (a) filho (a) está convidado (a) para participar desse estudo. Desse modo sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável pela investigação –Mariane Schwalb Rios – possa realizar as oficinas para coleta de dados. O material obtido será mantido sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do participante, garantindo dessa forma a privacidade e a confidencialidade das informações. Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela Profa. Dra Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher, e seu destino final será uma monografia de Conclusão de Curso, que estará disponível para consulta pública na biblioteca da Faculdade de Educação UFRGS.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este termo no local indicado abaixo. Qualquer dúvida a pesquisadora Mariane Rios estará à disposição pelo número 51- 93441887.

Eu _____
responsável por _____,
fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo que
meu/minha filho (a) participe da mesma.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

Porto Alegre, _____ de _____ de 2015.